

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT06.019

QUADERNINHO: PRODUTO EDUCACIONAL PARA FOMENTAR PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO SUPERIOR COM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Kátia Anaiane Soares Passarelli¹Netília Silva dos Anjos Seixas²

RESUMO

O artigo apresenta o produto educacional intitulado Quaderninho, desenvolvido a partir de uma pesquisa de mestrado profissional na Área de Ensino, com o objetivo de promover práticas antirracistas no Ensino Superior por meio do uso das histórias em quadrinhos como suporte metodológico. A proposta dialoga com as políticas e diretrizes da educação das relações étnico-raciais, incorporando estratégias inovadoras de ensino que favoreçam reflexões críticas e novas formas de aprendizagem na formação inicial docente. O referencial teórico fundamenta-se em autores como Freire (2021), hooks (2021) e Vergueiro (2006), articulando-se com os princípios da educação antirracista de Cavalleiro (2024). Metodologicamente, o produto foi estruturado em três partes: atividades voltadas ao estímulo do pensamento crítico e criativo; uma exposição teórica sobre a linguagem dos quadrinhos; e a descrição das

1 Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior da Universidade Federal do Pará (PPGCIMES/UFPA), katia_asp@yahoo.com.br

2 Doutora e Mestre em Letras (Linguística) pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora associada da Universidade Federal do Pará, com atividades na Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia e Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, netilia@ufpa.br

etapas de uma oficina, acompanhada dos materiais e referências a serem usados. Trata-se de um caderno de apoio destinado a utilização dos participantes na aplicação prática, com adoção de uma perspectiva plural e sensível para a discussão da temática racial, na busca de fortalecer o diálogo entre teoria e prática e a ampliação do repertório pedagógico. Composto por 46 páginas no formato A5, o Quaderninho visa contribuir no processo criativo, o conhecimento da linguagem dos quadrinhos e a construção de reflexões significativas pelos participantes. Os resultados apontam para o potencial das histórias em quadrinhos como recurso formativo no Ensino Superior, capazes de fomentar o engajamento dos discentes e fortalecer práticas educativas inclusivas e transformadoras.

Palavras-chave: Educação antirracista; Formação docente; Histórias em quadrinhos; Produto educacional; Ensino Superior.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar requer uma pluralidade de conceitos e abordagens para discutir a temática étnico-racial de forma crítica e sensível. A educação antirracista se apresenta para integrar uma formação capaz de perpassar todos os níveis de ensino, com o propósito de preparar sujeitos comprometidos com a equidade diante das desigualdades e exclusão do grupo negro. Tais iniciativas podem ser observadas em práticas do cotidiano de reconhecimento do racismo em suas diversas manifestações e na promoção de seu enfrentamento.

No contexto do Ensino Superior, a formação inicial de professores constitui um espaço privilegiado para compreensão contextualizada dos desafios sociais envolvidos na educação para as relações étnico-raciais, no qual têm-se a possibilidade de acessar conteúdos, experiências e metodologias para subsidiar as suas futuras práticas pedagógicas. Assim, ao integrar a educação antirracista à nesse momento, tem-se a possibilidade de ampliar o repertório dos futuros educadores, com o propósito de favorecer sua atuação nos espaços escolares.

Para conhecer as possibilidades dessa discussão, apontamos o entendimento de Cavalleiro (2024, p.125) sobre “realizar uma educação antirracista é transformar o cotidiano escolar, fazendo, impreterivelmente, uma reflexão profunda sobre o que sentimos e como agimos diante da diversidade”. Assim, ao planejar uma estratégia nessa conjunção, deve-se considerar um caminho que amplie os debates dos envolvidos aliado a novas formas de aprendizagem.

Adicionalmente, o cenário de demandas relacionadas a políticas afirmativas para a educação no Brasil, tem como marco a criação da Lei nº 10.639/2003, que propõe a obrigatoriedade do ensino da Cultura e História Afro-brasileira na Educação Básica. Publicada há mais de 20 anos, compreende como conteúdo o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira, negro na formação

da sociedade nacional e contribuição do povo negro em diferentes áreas (Brasil, 2023).

No contexto mostrado, o presente artigo tem como objetivo apresentar um produto educacional voltado à promoção de práticas antirracistas no Ensino Superior, tendo as histórias em quadrinhos como suporte metodológico. A proposta dialoga com políticas e diretrizes de educação das relações étnico-raciais, incorporando estratégias didáticas inovadoras para enriquecer as discussões e formas de aprendizado.

A partir do embasamento teórico, foram definidas as seguintes temáticas norteadoras para orientar o planejamento de atividades e a seleção dos títulos de quadrinhos: (a) a história dos afrodescendentes brasileiros, (b) branquitude nas relações étnico-raciais e (c) a valorização da história do povo negro.

Nesse momento, é importante considerar que as histórias em quadrinhos ainda carregam ideias preconcebidas que, por vezes, as afastam dos espaços educativos, sendo vistas como recursos de menor valor pedagógico e associadas unicamente ao entretenimento. Ao articular a linguagem das histórias em quadrinhos como possibilidade formativa no Ensino Superior, a nosso ver, cria-se uma combinação para acessar as suas potencialidades como recurso no ensino e ampliar engajamento dos envolvidos.

O produto educacional do estudo está inserido no escopo de uma pesquisa de mestrado na área de Ensino, dedicado a formação inicial docente, junto a estudantes do curso de Pedagogia de uma universidade pública federal.

O texto está organizado de modo a discutir, inicialmente, elementos relacionados a implementação da Lei nº10.639/2003 e formação docente, associados a fundamentos teóricos da educação antirracista. Em seguida, comenta sobre aspectos das histórias em quadrinhos na educação, e por fim, o processo de concepção do produto educacional Quaderninho, com a exposição das possibilidades de aprendizados gerados a partir da experiência prática.

FORMAÇÃO DOCENTE E OS DESAFIOS DA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/2003

Em 2022 a população negra do país chegou a 55,5%, somando pretos e pardos, declarados no último Censo de 2022 (IBGE, 2024). Em seguimento, os dados evidenciam as persistentes desigualdades raciais no Brasil, revelando diferenças significativas entre brancos e negros. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), no ano de 2021, considerando a linha de U\$ 5,50 diários (ou R\$ 486 mensais per capita), a taxa de pobreza dos brancos era de 18,6%. Já entre pretos, o percentual era de 34,5% e, entre os pardos, de 38,4%. No mercado de trabalho, pretos e pardos eram maioria (53,8%) em 2021, mas estavam em somente 29,5% dos cargos gerenciais, enquanto os brancos ocupavam 69,0% deles. Na classe de rendimento mais elevado, somente 14,6% dos ocupantes desses cargos eram pretos ou pardos, enquanto entre os brancos esse número era de 84,4% (IBGE, 2022).

A pesquisa nacional divulgada em 2023 pelo Geledés - Instituto da Mulher Negra e pelo Instituto Alana evidenciou os desafios significativos que ainda marcam a efetiva implementação da Lei nº 10.639/2003. Entre as 1.187 Secretarias Municipais de Educação participantes, apenas 53% realizam ações voltadas à aplicação da lei, em geral de forma esporádica e associadas a datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra, enquanto 18% das secretarias admitiram não desenvolver nenhuma iniciativa nesse sentido (Instituto Alana, 2023)

Além disso, os principais entraves apontados estão a dificuldade de inserção da temática nos currículos, a falta de formação docente, de orientação pedagógica e de planejamento contínuo, somados à escassa cooperação técnica e financeira entre os entes federativos. O estudo destaca, ainda, que apenas 8% das secretarias dispõem de dotação orçamentária específica e somente 5% contam com uma área dedicada à educação para as relações étnico-raciais (Instituto Alana, 2023).

No caso da região Norte, a pesquisa aponta que os principais desafios para a implementação da lei, segundo os respondentes, envolvem a ausência de apoio de governos, organizações e empresas, bem como a dificuldade de gestores e profissionais em inserir a temática nos currículos e projetos escolares (Instituto Alana, 2023).

A análise desse cenário evidencia que os obstáculos não se restringem a questões jurídicas e administrativas, ao ser inserida em um processo histórico de luta e reivindicação do Movimento Negro. Ao ser incorporada à educação, essa legislação representa a conquista de um espaço de disputa simbólica e política, resultado das mobilizações que, ao longo do século XX, denunciaram o racismo estrutural e reivindicaram uma escola comprometida com a valorização da história e cultura afro-brasileira.

Para atender as necessidades envolvidas, a escola e a sala de aula reforçam o papel de visibilidade nas ações de enfrentamento ao racismo no contexto educacional. É o que explicam Sousa, et al. (2022) sobre a educação escolar ser um espaço de (re)construção de percepções de mundo e necessário trazer a desconstrução histórico-cultural em relação a atuação dos negros escravizados até os dias atuais. Na ampliação do quadro, temos a explicação de Gomes (2011):

Essa legislação precisa ser entendida como fruto de um processo de lutas sociais, e não uma dádiva do Estado, já que, como uma política de ação afirmativa, ela ainda é vista com muitas reservas pelo ideário republicano brasileiro, que resiste em equacionar a diversidade. Esse ideário é defensor de políticas públicas universalistas e, por conseguinte, de uma postura de neutralidade da parte do Estado. Essa situação, por si só, já revela o campo conflitivo no qual se encontram as ações, os programas e os projetos voltados para a garantia do direito à diversidade étnico-racial desencadeadas pela lei n. 10.639/03, o Parecer CNE/CP 03/2004 e a Resolução CNE/CP 01/2004 no Brasil (Gomes, 2011, p.117).

Essa conjuntura reforça que a implementação da Lei nº 10.639/2003 depende, de maneira decisiva, do papel formativo das instituições de Ensino Superior, responsáveis pela preparação de futuros educadores. A formação docente inicial se torna um campo estratégico para o avanço da

educação antirracista, pois é durante esse processo que se constroem as bases teóricas, éticas e políticas que orientarão as práticas pedagógicas.

Alinhamos a etapa de formação à discussão de Freire (2021) sobre a necessidade da teoria e a prática partirem juntas para uma transformação significativa. Ou seja, os envolvidos iniciam as reflexões no próprio processo formativo e podem explorar as práticas antirracistas como futuro educador. Para isso, espera-se que os cursos nas instituições de Ensino Superior proporcionem formações com essa finalidade.

Assim como Paulo Freire, bell hooks também defende que teoria e prática não devem ser dissociadas. O espaço formativo é compreendido por ela como um lugar de liberdade e transformação. Em sua obra, hooks (2021) destaca a importância do respeito em relação a visão democrática do professor, ressaltando que é por meio dessa perspectiva que o ensino e a aprendizagem se tornam processos contínuos. Ao compartilhar o conhecimento de forma dialógica, afastando-se de práticas autoritárias, cria-se um ambiente propício para que a aprendizagem seja vivenciada de forma completa, crítica e significativa.

Em Ensinando a transgredir, hooks (2021) argumenta que a educação deve promover a autoatualização de quem ensina e de quem aprende. Esse conceito parte da necessidade de haver um processo contínuo de comprometimento do indivíduo para a transformação de si mesmo e do seu entorno. Envolve partir de uma reflexão crítica sobre a própria vida, mas não de forma egoísta, deve-se estar atento as relações, as opressões internalizadas e cada papel na transformação do mundo.

E nessa vivência para autoatualização, a educação antirracista se encaixa ao propor o diálogo na integração sobre o que sentimos diante da diversidade, os apontamentos da formação docente contextualizada, encarada como compromisso ético e político, conforme Cavalleiro (2024 p.121) diz que a educação antirracista “é pensada como um recurso para melhorar a qualidade do ensino e preparar todos os alunos e alunas para a prática da cidadania”.

Sendo assim, completamos com as características de uma educação antirracista adaptados da proposta de Cavalleiro (2024):

1. Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira.
2. Busca permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar
3. Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais sejam respeitadas.
4. Considera a diversidade presente no ambiente escolar e a utiliza como forma integradora, encorajando a participação de todos.
5. Ensina com uma leitura crítica da história brasileira, mediante a qual seja possível mostrar a contribuição de diferentes grupos na construção de nosso país.
6. Busca materiais que contribuam para a eliminação do “eurocentrismo” dos currículos escolares e contemplem a diversidade étnico-racial.
7. Pensa meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial.
8. Elaborar ações que propiciem o fortalecimento da identidade e autoestima dos alunos e alunas pertencentes a grupos discriminados.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO

Ao longo da trajetória humana, diferentes formas de contar as histórias foram surgindo, e os quadrinhos, como “uma forma narrativa por meio de imagens fixas” (Cagnin, 1975, p. 244), é uma delas. A linguagem dos quadrinhos se torna única entre os tipos de arte, ao oferecer a combinação dos seus elementos em diversos gêneros, como ficção científica, biografias e até filosófico. Ramos (2023, p.17) estabelece: “Quadrinhos são

quadrinhos. E, como tais, gozem de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos”.

As histórias em quadrinhos, desde o seu surgimento em escala comercial, têm sido alvo de diversas polêmicas e controvérsias. Ao longo das primeiras décadas do século XX, seu crescimento em popularidade foi acompanhado por debates sobre seus possíveis efeitos na formação dos leitores e sobre o valor cultural e educativo desse tipo de narrativa. Como descreve Vergueiro (2006, p. 8, grifos do autor):

Pais e mestres desconfiavam das aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas das histórias em quadrinhos, supondo que elas poderiam afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”, desviando-os assim de um amadurecimento “sadio e responsável”. Daí, a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições, acabando por serem banidos, muitas vezes de forma até violenta, do ambiente escolar (Vergueiro, 2006, p. 8, grifos do autor).

Em suma, o uso dos quadrinhos em sala de aula no Brasil foi regulado pela legislação a partir de 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e, no ano seguinte, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), incluindo a releitura de práticas pedagógicas utilizando diversos gêneros de quadrinhos e outras manifestações artísticas. O próximo passo fato relevante ocorreu em 2006, em que pela primeira vez houve a compra dos títulos de histórias em quadrinhos de diferentes editoras por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e posterior distribuição para as escolas brasileiras.

Sobre as possibilidades de aproveitar as histórias em quadrinhos na área educacional, Vergueiro (2006, p.25) menciona:

Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema – não existe qualquer barreira para o aproveitamento das histórias em quadrinhos nos anos escolares iniciais e tampouco para sua utilização em séries mais avançadas, mesmo em nível universitário. A grande variedade de títulos, temas e histórias existentes permite que qualquer professor possa identificar materiais apropriados para sua classe de alunos, sejam de qualquer nível ou faixa etária, seja

qual for o assunto que deseje desenvolver com eles Vergueiro (2006, p.25).

Dessa forma, a possibilidade de adotar as histórias em quadrinhos como recurso, no caso do produto educacional em construção, compreende o seu potencial para associar no contexto do Ensino Superior. Nesse sentido, a escolha dos quadrinhos a serem utilizados nas atividades exigiu uma análise cuidadosa sobre a representação do negro nessas narrativas, de modo a orientar os critérios de seleção e garantir a coerência com os objetivos da proposta.

Para atualizar o panorama das pesquisas acadêmicas sobre o uso de quadrinhos no Ensino Superior, realizamos uma busca inicial a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. A etapa foi conduzida em dois momentos distintos, com a repetição dos parâmetros: abril de 2024 e junho de 2025. No campo de busca foi inserido as palavras “histórias em quadrinhos”, e o próximo passo foi acrescentar, um de cada vez, com o operador booleano AND os strings de busca dos diferentes níveis de ensino (Educação Básica, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior).

O resultado encontrado em abril de 2024 foi de 1242 teses e dissertações na busca pelo termo “histórias em quadrinhos”. Nas combinações, o Ensino Superior apareceu como o nível menos explorado, com o quantitativo de apenas sete trabalhos realizados (quatro dissertações de Mestrado Profissional, duas de Mestrado Acadêmico e uma tese de Doutorado). Em comparação, o Ensino Fundamental totalizou 123 pesquisas, representando maior número encontrado nessa etapa, enquanto Ensino Médio registrou 60 e a Educação Básica 47.

Em junho de 2025, o resultado para “histórias em quadrinhos” aumentou para 1737, entre teses e dissertações. O Ensino Superior permaneceu como o nível menos explorado, com 16 trabalhos realizados (oito dissertações de Mestrado Profissional, seis de Mestrado Acadêmico e duas teses de Doutorado). Em relação aos sete trabalhos encontrados em 2024, o

número dobrou e foi além. Em comparação, o Ensino Fundamental continua registrando o maior número encontrado, totalizando 259 pesquisas.

Observa-se que, apesar do crescimento das pesquisas sobre histórias em quadrinhos no campo educacional no período mostrado, ainda persiste uma lacuna significativa relacionada ao Ensino Superior. Nesse caso, os levantamentos realizados entre 2024 e 2025 revelam que a maioria dos estudos se concentra no Ensino Fundamental, enquanto as investigações voltadas ao Ensino Superior são escassas, como demonstra a comparação com o número reduzido de teses e dissertações. Desse modo, compreendemos a presente pesquisa como uma contribuição para preencher essa lacuna, propondo apresentar um estudo diversificado com a utilização da linguagem dos quadrinhos nesse nível de ensino.

METODOLOGIA

No âmbito do mestrado profissional em Ensino, há a possibilidade de desenvolver um produto educacional, cuja compreensão é essencial para contextualizar nossa pesquisa, e em consonância com o que estabelece o Documento de Área temos:

é um processo ou produto educativo e aplicado em condições reais de sala de aula ou outros espaços de ensino, em formato artesanal ou em protótipo. Esse produto pode ser, por exemplo, uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de vídeo-aulas, um equipamento, uma exposição, entre outros. A dissertação/tese deve ser uma reflexão sobre a elaboração e aplicação do produto educacional respaldado no referencial teórico metodológico escolhido (BRASIL, 2019a, p. 15).

O produto educacional intitulado Quaderninho foi concebido como material de apoio para um roteiro de oficina, no formato de caderno de instrução voltado aos participantes. A proposta consiste em estruturar o material de forma criativa, com a reunião das orientações e recursos a serem utilizados pelos envolvidos. A escolha do título Quaderninho alude a combinação das palavras “caderno” e “quadrinhos”.

Na etapa de pesquisa bibliográfica, os materiais encontrados foram selecionados de acordo com a pertinência do tema, para leitura e embasamento teórico. O referencial teórico engloba temas de educação antirracista, Lei nº 10.639/2003, relações étnico-raciais, formação docente, e histórias em quadrinhos. As pesquisas foram realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Plataforma Educapes, Google Acadêmico, e em acervo de bibliotecas físicas, livros e artigos em periódicos científicos na internet.

A partir do referencial teórico elegido, foram selecionadas temáticas que abordam dimensões de valorização e reconhecimento da diversidade histórica e cultural do povo negro no Brasil, incluindo os debates sobre a branquitude. Para a organização das ideias, o roteiro da oficina serviu como guia para a definição dos elementos essenciais que deveriam ser incluídos, visando ao acompanhamento adequado dos participantes.

Na composição do produto educacional, foi idealizado na pesquisa uma ilustração para remeter ao contexto dos discentes no Ensino Superior, no caso uma pessoa adulta, manuseando uma história em quadrinhos. Em tempos recentes definidos com a popularidade de ilustrações geradas por Inteligência Artificial (IA), houve a escolha de priorizar por um trabalho autoral com a preservação da criatividade contida no processo artístico. Na ocasião, a artista visual Gyselle Kolwsak, foi responsável por criar a ilustração a partir das referências entregue.

A montagem do material foi realizada utilizando a plataforma Canvas, ferramenta visual de planejamento que permitiu organizar a estrutura de forma integrada. Foi aproveitado os elementos e funções disponíveis a fim de criar uma combinação original e atraente visualmente para o público destinado.

O Quaderninho foi planejado em três partes: a primeira para atividades personalizadas com intuito de estimular o pensamento crítico e criativo dos envolvidos com as temáticas selecionadas. Na segunda parte prevê a exposição teórica sobre a linguagem das histórias em quadrinhos.

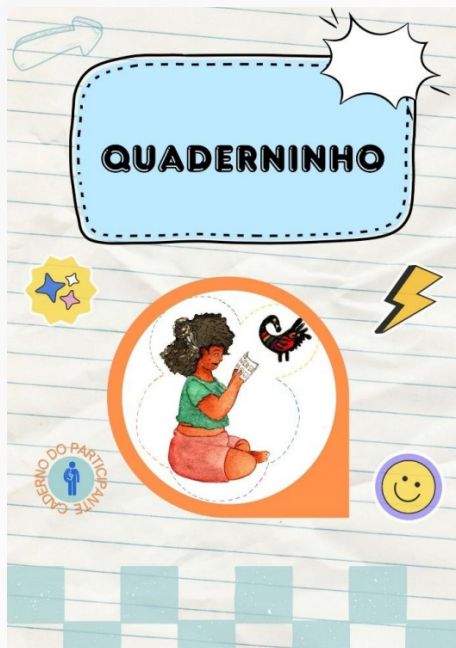
A terceira parte com a descrição do roteiro da oficina, para a condução das atividades e a indicação de materiais a serem utilizados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O produto educacional Quaderninho resultou em um caderno de apoio contendo 46 páginas com o formato A5 (14,8cm x 21cm) para impressão física. Todo o material teve a perspectiva da diversidade de conceitos para discussão da temática racial relacionado ao povo negro. Na sua utilização na aplicação da oficina, espera-se que contribua com os participantes no exercício da criatividade, no entendimento da linguagem das histórias em quadrinhos e nas reflexões propostas no roteiro.

A ilustração da capa combina aquarela e lápis aquarelável, e o resultado mostra uma jovem negra, de cabelos cacheados e volumoso, com a cor castanho escuro. Está sentada com as pernas cruzadas e mostra de perfil o corpo curvilíneo com tamanho grande. Nas mãos segura uma história em quadrinhos e acima tem-se a ilustração do símbolo sankofa (símbolo adinkra de origem africana), que remete ao significado de buscar conhecimentos no passado, nesse caso utilizando os quadrinhos.

A capa e contracapa montada na plataforma Canvas, inclui elemento visual de fundo com imitação de uma folha de caderno, fazendo alusão ao título. No centro a ilustração da identidade visual emoldurada na cor laranja, o título Quaderninho centralizado na parte superior em uma moldura azul, e alguns elementos como smile e raio distribuídos na montagem, conforme apresentado na figura 01.

Figura 01 – Capa do Quaderninho

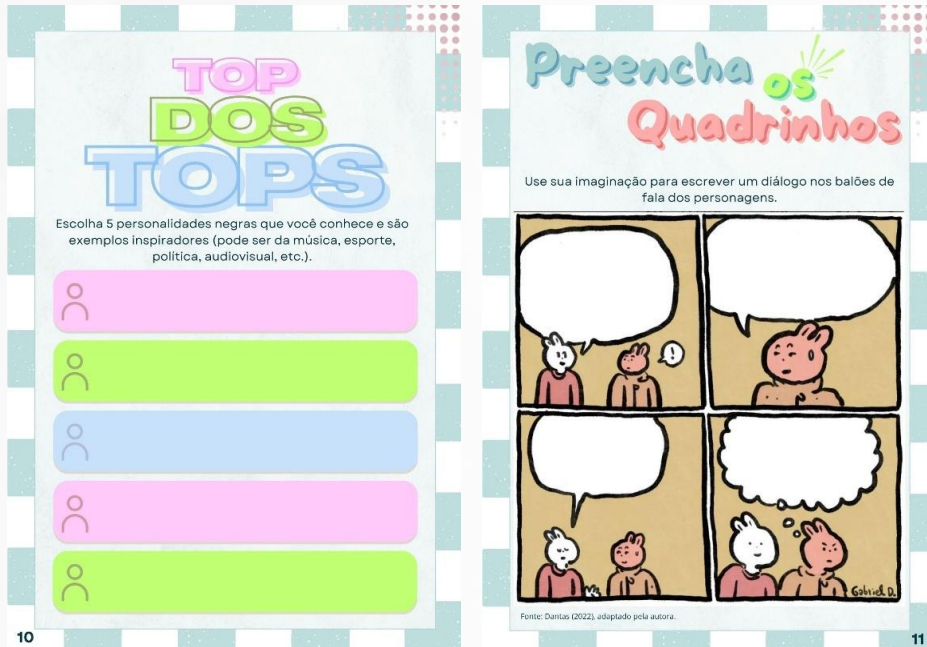
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Ao longo das 46 páginas, o Quaderninho contou com texto de apresentação, ficha técnica, sumário e referências utilizadas. O restante do material foi dividido em três partes, elaborado com a intenção de ter uma abordagem reflexiva e participante. A seguir a descrição de cada uma:

Parte 01: O trecho compreendido entre as páginas 5 e 13 (figura 02) foi elaborado com atividades personalizadas, voltadas a estimular o pensamento crítico e criativo dos participantes. Algumas propostas foram inspiradas no Almanaque TUDUM, uma publicação do streaming Netflix, na edição de 2021. Entre as propostas, destaca-se a inclusão de uma frase da escritora Octavia Butler (renomada escritora negra estadunidense de ficção científica) acompanhada de um espaço com post-its reproduzidos para anotações livres e reflexivas; a reprodução de um quadrinho com balões vazios, permitindo que os participantes exercitem a criação dos seus próprios diálogos; ilustração com o formato de conversa de celular, que apresenta uma situação de discriminação racial e convida à reflexão; além de pedir a elaboração de uma lista com personalidades negras ins-

piradoras e de um espaço destinado ao desenvolvimento de uma ideia de roteiro de história em quadrinhos.

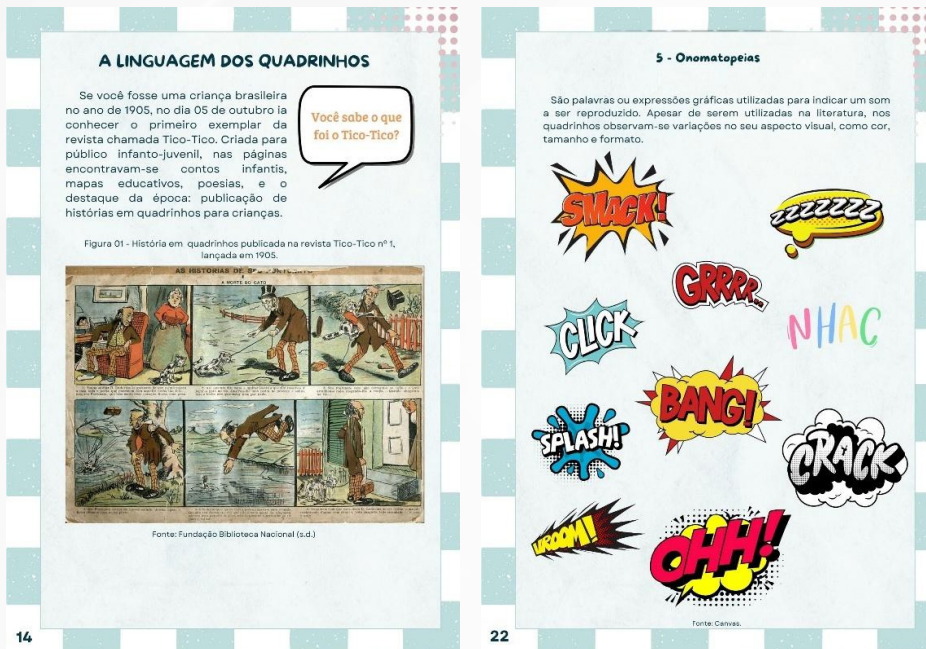
Figura 02 – Páginas da Parte 01



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Parte 02: Intitulado “A linguagem dos quadrinhos”, o trecho teórico está disponível nas páginas 14 a 27 do material (figura 03). Nessa seção, inicia com uma contextualização sobre a primeira revista em quadrinhos publicada no Brasil, O Tico-Tico, marco inicial da produção nacional no gênero. O conteúdo aborda também os principais tipos de balões utilizados nas histórias em quadrinhos, acompanhados de reproduções de quadrinhos e tirinhas brasileiras, que exemplificam visualmente cada recurso. Os textos conceituais estão organizados em tópicos que tratam de outros elementos fundamentais, como gêneros, personagens, recordatórios, onomatopeias, vinhetas, sarjetas e tipos de plano. Ao final da seção, são apresentados pontos propostos por Vergueiro (2006) sobre o uso das histórias em quadrinhos no ensino, destacando seu potencial pedagógico e suas contribuições para a aprendizagem crítica.

Figura 03 – Páginas da Parte 02



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Parte 03: A condução de cada etapa da oficina está organizada nas páginas 28 a 42 do Quaderninho. De maneira cronológica e detalhada, são apresentadas as atividades síncronas e assíncronas, acompanhadas das temáticas, materiais e recursos a serem utilizados em cada momento. Para facilitar a compreensão visual, foi elaborado um diagrama ilustrativo dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros, além da inclusão de ilustrações retiradas da Coleção Pensadores Negros e QR Code para acesso dos conteúdos. O material apresenta uma linha do tempo com marcos da legislação brasileira voltada as ações afirmativas. Foram incorporados ainda vídeos, infográficos e referências como o livro Heroínas Negras de Jarid Arraes e os Indicadores da Qualidade na Educação – Antirracismo em Movimento. Na parte dedicada ao itinerário de curadoria das histórias em quadrinhos, cada indicação conta com um QR Code de acesso, permitindo uma navegação direta para os locais. Esse itinerário inclui catálogos,

sites, aplicativos e outras fontes de busca para histórias em quadrinhos, ampliando as possibilidades de exploração e pesquisa pelos participantes.

Figura 04 – Parte 03



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

Em relação ao Quaderninho, é relevante destacar que o eixo central voltado às histórias em quadrinhos corresponde à seção dedicada a apresentar a linguagem dos quadrinhos. Contudo, o roteiro da oficina também contempla títulos selecionados para serem utilizados pelos participantes como suporte metodológico nas atividades propostas. Ressalta-se que a compreensão dessa linguagem requer um contato prévio com seus fundamentos teóricos, etapa essencial para subsidiar a análise e a aplicação prática das narrativas gráficas no contexto formativo.

Na elaboração do produto educacional, buscou-se promover momentos para dialogar com a diversidade e a educação antirracista de maneira inclusiva e participativa, para fortalecendo o empoderamento dos envolvidos em suas práticas futuras, além de fomentar o interesse em conhecer novas histórias em quadrinhos. Enquanto parte do percurso formativo, foi

pensado com momentos de estímulo ao pensamento crítico e reflexivo dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação inicial docente desempenha um papel essencial na construção de práticas inclusivas que valorizem as relações étnico-raciais. A partir dessa formação, o espaço escolar torna-se um ambiente propício ao enfrentamento das discriminações e ao combate aos preconceitos ainda presentes no cotidiano da população negra.

A realização de uma prática engajada e significativa necessita de estratégias atrativas que incentivem a valorização do conhecimento existente para direcionar o processo de ensino-aprendizagem. Para estimular o pensamento crítico e o potencial de transformação dos envolvidos, o produto educacional deve mobilizar a educação antirracista no enfrentamento de desafios.

Considerando esses pressupostos, teve-se o direcionamento de fundamentar o produto educacional com atividades contextualizadas as relações étnico-raciais, para propiciar aos participantes o contato com um cenário de trajetórias plurais, porém marcado por narrativas comumente vinculadas apenas à marginalização ou à subalternidade do povo negro.

Ao propor uma metodologia inovadora que articula o uso das histórias em quadrinhos à educação antirracista, esta pesquisa busca contribuir para a construção de práticas educacionais críticas, sensíveis e transformadoras. Além disso, reconhece-se que o produto educacional não deve ser entendido como uma proposta finalizada, mas como um material em constante aprimoramento, cuja efetividade depende da avaliação e das contribuições dos participantes envolvidos no processo formativo.

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2024.



BRASIL, CAPES. **Documento de Área - Ensino**, Brasília, 2013.

BRASIL. Lei nº10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 20 mar. 2024.

CAGNIN, Luiz Antônio. **Os Quadrinhos**. Ed. Ática, São Paulo, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira De Política E Administração Da Educação**, v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011.

HOOKS, bell. **Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante Editora, 2021.

INSTITUTO ALANA. **Lei 10.639/03 na prática: experiências de seis municípios no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira**. São Paulo: Instituto Alana, 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo 2022**: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. Rio de Janeiro - RJ, 26 jan. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/12/pardos-sao-maioria-da-populacao-brasileira-pela-primeira-vez-indica-ibge>. Acesso em: 01 mar 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento**. Rio de Janeiro - RJ, 11 nov. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento>. Acesso em: 20 fev. 2024.

SOUSA, Fausto Ricardo Silva; SOUSA, Lizandra Sodré; CARVALHO, Herli de Sousa; SILVEIRA, Francisca Morais da. Formação docente na perspectiva da

educação antirracista como prática social. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19366/209209216964>. Acesso em: 20 de mar. 2024.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no Ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMOS, Paulo. **A Leitura dos Quadrinhos**. São Paulo: Editora Contexto, 2023. revista-voltada-publico. Acesso em 10 mai. 2024.